



Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar

Ailton Krenak



Assista à playlist da Capital S/A no Youtube

Associações comerciais e Confederação da Agricultura se unem para expor Gasto Brasil

Em âmbito nacional, a despesa governamental já ultrapassou R\$ 3,3 trilhões. Desde o início de 2026, o governo federal respondeu por mais de R\$ 1,5 trilhão (46%) do total do gasto público. Os dados são da plataforma Gasto Brasil e, segundo o levantamento parcial de 2026, os estados responderam por R\$ 902 bilhões em despesas públicas, e os municípios, o equivalente a R\$ 884,5 bilhões. Para ampliar a divulgação sobre despesas públicas, a Confederação Brasileira das Associações Comerciais (CACB) e a Confederação da Agricultura e Pecuária (CNA) farão o lançamento do “Painel Gasto Brasil” na Câmara dos Deputados, na próxima terça-feira, 11 de agosto. Serão lançadas novas funcionalidades na plataforma para aumentar ainda mais o nível de transparência de dados para a população, com recortes econômicos e valores mais detalhados. A solenidade no Salão Nobre da Câmara terá as presenças dos presidentes da CACB, Alfredo Cotait Neto, e da CNA, João Martins.

CACB



Divulgação



Gastos do DF, RJ e SP

A despesa pública primária no Distrito Federal (DF) chegou a R\$ 37 bilhões, entre 1º de janeiro e 5 de agosto deste ano. Considerando uma população de 2,8 milhões de habitantes, o valor equivale a R\$ 13,2 mil per capita. Mesmo parcial, o valor já corresponde a 10,1% do Produto Interno Bruto (PIB) do DF em 2025, que totalizou R\$ 365,6 bilhões. Dados apurados na plataforma sobre o estado de São Paulo apontam despesa pública de R\$ 176,7 bilhões entre 1º de janeiro e a data de ontem. Levando em consideração a população de 44,4 milhões de habitantes, o per capita fica em R\$ 3,9 mil. No Rio de Janeiro, o gasto público é de R\$ 70,5 bilhões no mesmo período. Com população de 16 milhões, o per capita fica em R\$ 4,4 mil.

Vigilância e transparência

Criada em 2025 pela CACB, em parceria com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP), a ferramenta reúne informações on-line dos governos federal, estaduais e municipais sobre despesas com pessoal, previdência, encargos sociais e investimentos, incluindo obras, aquisição de imóveis, entre outros gastos públicos. “São dados que precisam ser acompanhados, permitindo que as pessoas possam cobrar do governo respostas quanto ao excesso de gastos, uma vez que a conta não fecha, pois há mais despesas do que arrecadação no país”, afirma o presidente da CACB, Alfredo Cotait Neto.

Ed Alves/CB/DA Press



“Juros agravam as dificuldades da indústria e seguirão asfixiando empresas e famílias”, diz CNI

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) mais uma vez expressou insatisfação com a política monetária do país. Apesar de considerar acertada a decisão do Copom do Banco Central de reduzir a taxa básica de juros, afirma que ela permanece alta. A entidade frisou que os juros “agravam as dificuldades da indústria e seguirão asfixiando empresas e famílias”. Ricardo Alban, presidente da CNI, completou: “Não há justificativa compreensível para a manutenção da taxa em nível tão alto”.

Acima da Regra de Taylor

Os juros estão em patamar restritivo há 55 meses. E a CNI aponta que a taxa está 3,6 pontos percentuais acima da calculada com base na Regra de Taylor — estimada em 10,4%. Esta regra permite calcular uma taxa de juros que proporcione o controle da inflação sem desestimular o crescimento da economia. A taxa de juros real, aproximadamente de 10%, supera com folga a taxa de equilíbrio estimada pelo próprio Banco Central, de 5%, indicando que há espaço para cortes mais expressivos na Selic, sem prejuízos no combate à inflação”, argumenta a CNI.

Indústria da construção: “Redução muito aquém do que o Brasil precisa”

Esta é a quarta queda consecutiva da taxa básica de juros. O movimento do BC é considerado importante para a economia, embora ainda insuficiente para estimular de forma mais consistente o crédito e os investimentos. “No entanto, ainda está muito aquém do que o Brasil precisa. O mercado imobiliário, em especial, sente fortemente os efeitos desse cenário. Para que essa política produza resultados mais consistentes, será necessário manter sucessivas reduções da Selic. O ideal é que a taxa alcance um patamar de um dígito, historicamente mais favorável ao financiamento”, conclui o presidente da CBIC, Eduardo Aroeira.

Divulgação



Sesi Lab é indicado ao principal prêmio de museus de ciência do mundo

Projeto no Distrito Federal, idealizado pelo Serviço Social da Indústria, está indicado ao principal prêmio de museus de ciência do mundo, o CIMUSET Award 2026, concedido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM). Os vencedores serão anunciados em setembro, no México. O Sesi Lab ganhou destaque aos olhos da comissão julgadora do prêmio pela abordagem inovadora e interdisciplinar. E uma mostra em especial reuniu ciência contemporânea, conhecimentos indígenas, práticas artísticas e participação pública para discutir desafios globais. O potencial da Floresta Amazônica para o fortalecimento da bioeconomia conduziu a exposição *BioOCAnomia Amazônica*, que ficou em cartaz no DF em 2024 e agora está no projeto itinerante do museu no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Divulgação/ Sesi Lab



Processo coletivo

“A indicação ao prêmio reafirma nossa convicção: os grandes desafios contemporâneos só podem ser enfrentados reunindo ciência, arte e educação em um processo coletivo”, contou Claudia Ramalho, superintendente de Cultura do Sesi. O museu foi indicado ao lado de iniciativas da Austrália, Estados Unidos e Uganda.

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



»Entrevista | ALEXANDRE GARCIA E CARLOS ANDRÉ MACHADO | DO OPINIÃO INTELIGÊNCIA POLÍTICA

Ao *CB.Poder*, os especialistas em pesquisa eleitoral avaliam o mais recente levantamento sobre intenção de voto no DF. Para eles, a esquerda está estagnada, e Celina Leão e José Roberto Arruda devem se enfrentar em um eventual 2º turno

“Esquerda precisa entrar em campo”

» MANUELA SÃ

Após a publicação da segunda rodada da pesquisa **Correio/Opinião Inteligência Política**, que avalia a intenção de voto dos eleitores brasileiros, Alexandre Garcia, CEO do instituto responsável pela sondagem; e Carlos André Machado, diretor de negócios, analisaram os dados, ontem, em entrevista ao *CB.Poder* — parceria entre o **Correio Braziliense** e a



TV Brasília. As jornalistas Denise Rotherburg e Ana Maria Campos, os dois afirmaram que a tendência é de que haja segundo turno entre Celina Leão (PP) e José Roberto Arruda (PSD). Eles avaliam que a esquerda está estagnada. Em relação à disputa ao Senado, a análise é de que ela será marcada mais pela polarização entre esquerda e direita do que a disputa para governador.

Quais são as principais avaliações dessa pesquisa para as eleições de 2026 no DF?

Alexandre Garcia: Celina teve um leve crescimento. Ela foi quem mais cresceu em comparação com a primeira rodada da pesquisa. Arruda está mais estacionado. No entanto, se as eleições fossem hoje, o segundo turno era certo. Há uma tendência para que haja, de fato, o segundo turno, mantidas as condições que estamos observando hoje.

Carlos André: É interessante comparar com a rodada que fizemos em junho. A esquerda ainda não havia conseguido se apresentar para o eleitorado. A gente percebe que o candidato Leandro Grass (PT) está praticamente na mesma posição que estava na rodada passada. Essa é uma certeza: o retrato da pesquisa traz que a esquerda ainda precisa entrar em campo nessas eleições.

Considera que se Leandro Grass e Ricardo Capelli (PSB) se unissem, isso faria deles mais competitivos?

Alexandre: Pela análise

histórica de votos para a esquerda progressista, para o pleito de governo, eles têm um teto baixo. Pode ser que, com o caminhar da campanha e a definindo a posição sobre Arruda concorrer ou não, que eles se qualifiquem para um segundo turno. Mas acho muito difícil uma mudança de tendência, porque, nas últimas eleições, a gente observa que a esquerda progressista, para o cargo de governo do Distrito Federal, não consegue performar a ponto de ser competitiva. É uma análise pelo cenário passado e pela dificuldade que a gente observou de Leandro Grass, que saiu de uma outra eleição com cerca de 23% dos votos, se não me engano, ele não consegue recuperar parte desses votos, ele não bateu nem 10%. Esperávamos ele com uma performance melhor nessa largada, mas a gente sabe que a esquerda ainda está definindo para qual caminho seguir.

O ex-governador Arruda tem 24% das intenções de votos. Se ele não conseguir registrar a candidatura, para onde iriam esses votos?

Alexandre: Boa parte deles iriam para Celina. Acredito que ela seria a maior favorecida, mas não sei se seria o suficiente para ela levar no primeiro turno. Para um eventual segundo turno sem Arruda, o cenário pode ser bem diferente, porque a gente não sabe como ele vai se posicionar em relação a Celina. Não sabemos quais serão as novas conexões feitas a partir do primeiro turno. Então, a situação de Arruda muda completamente o cenário.

Para onde ele for, leva grande parte de seu eleitorado ou esse eleitorado segue o próprio ritmo?

Alexandre: Ele pulveriza, mas com certeza uma parte vai caminhar com ele.

Carlos: Historicamente, a esquerda tem sempre 20% ou 30% de certa forma bem sedimentada na capital federal. Então, parte

Davi Pereira/CB/DA Press



Aponte a câmera do celular para assistir à entrevista

desses votos de Arruda certamente podem melhorar o desempenho da esquerda. No entanto, eu concordo que a Celina passa a ser a maior beneficiária dessa situação.

Alexandre: Se a gente olhar para a consulta espontânea, Arruda está com cerca de 10% das intenções de voto. Esse é o voto sedimentado de Arruda. Esse eleitor, possivelmente, vai caminhar com ele.

O que a gente pode ler da pesquisa de intenção de voto para o Senado?

Alexandre: É importante explicar que os percentuais somam os dois votos. Por esse motivo, os percentuais são mais encorpados. O que a gente percebe é a

Leila do Vôlei (PDT) fortalecida. Ela está performando muito bem. Achei que ela estava com uma boa performance, mas não imaginei que pudesse crescer tanto. Michelle Bolsonaro (PL) está muito bem posicionada. Houve várias situações nos últimos dias que, de certa forma, podem ter interferido na intenção de voto de Michelle. Aqui, temos a polarização de esquerda e direita. Diferentemente dos votos para o GDF, que a gente percebe que ele é mais um voto de gestor, com uma preocupação se o candidato tem ou não capacidade para gerir o DF. No Senado, há mais um alinhamento ideológico. Leila capta boa parte dos votos de esquerda. Quando estudamos o voto dela, a gente vê que boa parte desse eleitor também vota em Lula (PT). Erika Kokay também capta os votos da esquerda. Michelle é ponta de lança para os votos da direita, com Bia Kicis (PL) em quarto. Resta saber como as duas vão caminhar juntas e como

o presidente Lula vai se posicionar em relação às candidatas de esquerda.

Carlos: Curiosamente, nós temos três candidatos de direita: Sebastião Coelho (Novo), Michelle e Bia Kicis. Os votos estão divididos entre esses três candidatos. Na esquerda, Leila sai com essa vantagem importante.

Há um segundo cenário para o Senado com o nome de Paulo Octávio. Nele, Sebastião Coelho fica um pouco abaixo de Paulo Octávio. Ele tira votos de todo mundo?

Alexandre: Isso. Ele tira em proporções maiores de Michelle e de Leila, cerca de 30% da composição dos votos dele vem de cada uma dessas candidatas. De Bia e Erika, ele tira cerca de 10%. Aqueles que são mais moderados, mais de centro, tendem a migrar para o Paulo Octávio.

» Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira